

MEMÓRIAS DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: A ESCRITA DE SI COMO FRESTA DE FORMAÇÃO DOCENTE.

Edlania Alves Ferreira¹; Raquel Leão de Bastos²

¹ Graduanda do curso de pedagogia da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, Cajazeiras, Paraíba, Brasil; edlanialves@hotmail.com.br

² Professora substituta da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, Cajazeiras, Paraíba, Brasil; leaodebastos@gmail.com

Introdução

A formação docente não se restringe ao acúmulo de teorias pedagógicas, mas constitui-se, fundamentalmente, por meio da reflexão sobre as trajetórias vividas (TARDIF, 2002). Enquanto sujeitos de direitos, narrativas autobiográficas como fonte de investigação e pesquisa, comprovam que é possível narrar e refletir sobre sua própria história (PASSEGGI et al., 2016). Investigar a própria alfabetização e letramento sob a ótica dos escritos (auto)biográficos permite compreender como as marcas do passado moldam a identidade profissional no presente. As narrativas (auto)biográficas na pesquisa é uma escolha que foge do formal (BRAGANÇA, 2009), e desenvolve-se a partir de perspectivas éticas, políticas, metodológicas, poéticas e afetuosas (MORAIS et al., 2024).

A motivação para este resgate de memória originou-se das discussões teóricas e práticas ocorridas na disciplina de Fundamentos e Metodologia do Ensino da Língua Portuguesa, do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Campus Cajazeiras-PB. A partir da solicitação de um relato pessoal sobre o processo de alfabetização e letramento, surgiu o desejo de investigar essa trajetória sob uma ótica crítico-analítica. Esta rememoração de experiências subjetivas fundamenta-se na perspectiva freiriana, de que o aprendizado se inicia na atividade perceptiva dentro de um "mundo especial" (FREIRE, 2003). Ao revisitar episódios descontínuos que abrangem desde as relações familiares até o ambiente escolar, busca-se refletir sobre a minha própria história, ao mesmo tempo em que se questiona a visão dicotômica frequentemente atribuída aos processos de alfabetização e letramento (SOARES; BATISTA, 2005).

A trajetória escolar e os processos de socialização vivenciados antes da formação acadêmica exercem um peso determinante na construção dos saberes docentes. Conforme aponta Tardif (2002), essa base pré-profissional influencia diretamente a maneira como o professor compreende o saber-fazer e o saber ser durante a prática pedagógica e no exercício do magistério. O objetivo deste trabalho, portanto, é analisar o processo de alfabetização e letramento da autora a partir de narrativas (auto)biográficas, identificando como as experiências e os métodos de ensino vivenciados influenciaram sua percepção sobre os processos aludidos. Busca-se, especificamente, refletir sobre a transição de uma prática mecânica para uma prática consciente e seus reflexos na constituição da identidade docente.

Metodologia

A presente pesquisa adota uma abordagem qualitativa, pautada na perspectiva (auto)biográfica. O método utilizado centra-se na narrativa, que permite ao sujeito investigar sua própria trajetória, transformando-a em objeto de reflexão teórica. Como dispositivos de coleta de dados,

foram utilizados o memorial reflexivo, através da reconstituição de episódios marcantes da infância. A análise dos dados ocorreu por meio do diálogo entre as memórias evocadas e o referencial teórico de Tardif (2002), Freire (2003), Soares e Batista (2005), Bragança (2001, 2009), Luna e Bezerra (2015), Passeggi, Nascimento e Oliveira (2016), bem como Moraes, Brito e Soares (2024), buscando, por meio da escrita autobiográfica, identificar os sentidos atribuídos ao processo de alfabetização e letramento na constituição da identidade docente.

Resultados e Discussões

Conforme aponta Bragança (2009, p. 40), "histórias de vida como caminho metodológico coloca o desafio de trabalhar fora do quadro lógico-formal [...], já que fundada na interação social, no olhar do sujeito". Nesse sentido, relatar minhas lembranças relacionadas à alfabetização e letramento, de imediato, constituiu-se uma tarefa difícil, mas, ao fazer o exercício de revisitar as memórias, monto minha trajetória na educação, no mundo da alfabetização e letramento. O caminho trilhado, as vivências, as figuras e os objetos mantêm viva a minha história. "[...] a rememoração é um momento de despertar todas as forças do sujeito, força prenhe de lembranças, mas que trazem um apelo ao presente, o momento de parar o curso do tempo, de quebrar o desenrolar da história" (Bragança, 2001, p. 116).

Narrar a própria experiência, o vivido, é uma escolha para além da "lógica-formal". É uma escolha de cunho ético, metodológico e afetivo (Moraes et al., 2024), adotada sob uma perspectiva onde a subjetividade do pesquisador é reconhecida como peça-chave para entender como o saber é formado. Bragança (2001, p. 110) revela ainda que é "[...] uma concepção onde a memória vai constituindo uma matéria viva que se articula aos saberes científicos e pedagógicos no momento dinâmico de concretização da prática pedagógica". Desse modo, é "viva", porque ela se transforma cada vez que a revisitamos com o olhar de adulto e estudante de Pedagogia.

Freire postula que o aprendizado se origina em um "mundo especial": "se encarnavam numa série de coisas, de objetos, de sinais, cuja compreensão eu ia apreendendo no meu trato com eles nas minhas relações com meus irmãos mais velhos e com meus pais" (Freire, 2003, p. 12). O aprendizado acontece por meio da atividade perceptiva, das subjetividades, e se materializa nas relações cotidianas e nos objetos que circundam o aprendiz. Sendo assim, tudo o que nos ocorre, que nos atravessa, que vemos, vivemos, e que percebemos à nossa volta, as relações estabelecidas ao longo da vida, aquilo que aprendemos, e apreendemos influi na composição desse "mundo especial" e constitui o sujeito, o educador que somos hoje.

Logo, um episódio que inicialmente me vem à memória é o do meu pai tentando me ensinar a escrever o nome dele e o meu. Eu ouvia, via como ele estava fazendo, mas não compreendia aquela estrutura "complexa". Na verdade, não fazia sentido aquelas representações (códigos, signos). Igualmente, ocorre-me a lembrança de uma tia que tentava me ensinar as sílabas e as letras através de uma cartilha, em vão, pois eu não aprendia. Rememoro que meus pais, antes de me matricular em uma escola formal, me levavam à casa de uma prima para esta me ensinar as letras. Analfabetos, desejavam que eu aprendesse algo. Porém, lembro apenas dela riscando, escrevendo na minha mochila, nada mais que isso. Posteriormente, estudei na "escolinha" da professora, Dona Raimunda. Não recordo como eram as aulas, mas nunca esqueci os momentos em que brincava com os bloquinhos de madeira e as tampinhas que eu amava empilhar.

Cursei a 1ª série do Ensino Fundamental I no ano de 1997, tinha uns oito anos. Acredito que foi nesta mesma época que a professora mandou que treinássemos a leitura em casa. Eu sequer reconhecia letras. Lembro de estar com minha mãe no sofá e ela lendo um texto para que eu

memorizasse. Depois disso, já tenho o corte de estar em pé, de frente para o birô da professora, que apontava para as palavras. Eu tinha que acompanhar e ler. Recitei tudo até o final, logo, a professora questionou se eu tinha decorado, já que enquanto apontava para uma palavra, eu já falava a frase inteira. Como destacado por Freire (2003, p. 17), “é que a leitura de um texto, tomado como pura descrição de um objeto é feita no sentido de memorizá-la, nem é real leitura, nem dela portanto resulta o conhecimento do objeto de que o texto fala”. À vista disso, apenas memorizei para cumprir um comando, não li nem atribuí sentido ao que estava falando, ao texto ou as palavras.

Diante desta prática, percebo que ainda não era alfabetizada, “[...] uma pessoa alfabetizada é entendida como aquela que domina as ‘primeiras letras’, que domina as habilidades básicas ou iniciais do ler e do escrever” (Soares e Batista, 2005, p. 47). O letramento, porém, acontecia à medida que o meu “mundo especial” se constituía e se expandia por intermédio de minhas experiências e percepções. Ademais, atividades dessa natureza não possibilitam a exteriorização ou representação do pensamento: “[...] o que traz, implícita, a idéia de que o acesso ao mundo da escrita exige habilidades para além do apenas aprender a ler e a escrever” (Soares e Batista, 2005, p. 48).

Por conseguinte, evoco uma passagem curiosa: meu pai, analfabeto, pediu-me que escrevesse um aviso para ser entregue a um locutor de rádio da cidade, a fim de que fosse anunciado em seu programa (tratava-se, se não me falha a memória, de um torneio de futebol no sítio). Ele ditava e eu escrevia. O aviso chegou às mãos do locutor, mas, pouco depois, meu pai retornou queixando-se de que o profissional mal conseguira compreender o conteúdo e precisara corrigir o texto. Claramente, eu ainda não dominava plenamente o sistema de representação da linguagem. Segundo Soares e Batista (2005, p. 53), “até muito recentemente, considerava-se que a entrada da criança no mundo da escrita se fazia apenas pela alfabetização, pelo aprendizado das ‘primeiras letras’, pelo desenvolvimento das habilidades de codificação e de decodificação”.

Nota-se que, “é necessário que as pessoas sejam alfabetizadas e letradas”. A alfabetização se amplia e dimensiona o mundo da escrita a partir do letramento, que é “[...] o saber utilizar a linguagem escrita nas situações em que esta é necessária, lendo e produzindo textos com competência” (Soares e Batista, 2005). Não sei exatamente quando e como comecei a ler (a palavra), mas associo ao episódio de uma viagem que fiz com meu pai e minha avó para São Paulo. Na época, as palavras passaram a ter sentido e comecei a utilizá-las de uma forma mais consciente. Por onde passava, tinha a curiosidade de ler placas, avisos e números de ônibus. Parecia esfomeada, como quem descobre o mundo ou um novo mundo. Acredito que isso foi quando eu cursava a 2ª série do ensino Fundamental (anos iniciais). Naquele instante, dei início a um processo para além da codificação e da decodificação, como em um “movimento do mundo à palavra e da palavra ao mundo” (Freire, 2003).

Em 1999, fiz a 3ª e a 4ª série juntas, participei de um programa chamado “Aceleração da Aprendizagem”. Assim, no ano seguinte, fui promovida para a 5ª série. Lembro que comecei a ler, interpretar e escrever com mais confiança. Tenho muitas recordações e memórias afetivas desse ano. As aulas eram dinâmicas, práticas, divertidas e a professora era muito atenciosa e dedicada. Tivemos oficina de pipa, conhecemos e interpretamos a canção “Cidadão”, de Zé Ramalho, fizemos uma horta na escola e aprendemos como surge um arco-íris. É o que Freire (2003) denomina de “prática consciente”, à medida que oportuniza não só a leitura, mas também a escrita, reescrita e transformação do mundo.

Durante a alfabetização, como num passe de mágica, a venda em meus olhos foi removida. Em um dia qualquer, tudo mudou: passei a ver e a ler o mundo. Soares e Batista (2005, p. 54),

defendem que alfabetização e letramento são processos distintos, porém indissociáveis na aprendizagem inicial da linguagem escrita. Destarte, ao tempo que percebia criticamente, interpretava e “re-escrevia” o lido (Freire, 2003). Hoje, ao reler as páginas da minha vida, percebo que cada linha escrita desde então carrega o eco daquela primeira vitória: a alfabetização não me deu apenas o alfabeto, mas a liberdade de narrar quem eu sou e quem ainda posso me tornar. Desse modo, ao evocar episódios da infância, percebo que a postura do docente, como mediador da aprendizagem, deve ser pautada em uma prática investigativa e em um constante exercício reflexivo, inclusive sobre si.

Conclusões

As narrativas (auto)biográficas revelam que a formação docente se consolida por meio da reflexão crítica sobre as trajetórias vividas, evidenciando que as experiências do passado marcam profundamente a identidade profissional no presente. Portanto, o letramento — indissociável da alfabetização — oportuniza mais do que o domínio do sistema alfabético: trata-se de viabilizar a leitura, a escrita, a reescrita e, fundamentalmente, a transformação da própria história por meio da linguagem. Ao reconstruir esses episódios, permeados por curiosidades, descobertas e desventuras, a interpretação do mundo e a percepção da palavra possibilitam o desenvolvimento de novos “conhecimentos, atitudes e capacidades”.

Tendo em vista que a “escrita de si” se consolida como fresta de formação ao abrir espaço para a reflexão sobre a identidade profissional em construção, a alfabetização aqui representa um marco transformador. Vinda de uma família humilde, na qual os livros eram luxos distantes, eu percebia as letras como um mistério quase mágico. Por isso, o dia em que finalmente decifrei as primeiras palavras foi como se o mundo se abrisse diante dos meus olhos. Tal conquista não significou apenas aprender a ler e escrever, mas a apropriação da autonomia e da própria voz. Sob o olhar de uma docente em formação, essas memórias revelam tanto os limites quanto as possibilidades das práticas educativas vivenciadas.

Nessa perspectiva, conclui-se que o relato autobiográfico fundamenta o compromisso ético, político e pedagógico com uma docência que se pretende investigativa e reflexiva. Tal movimento analítico sustenta uma prática mais consciente e sensível, permitindo que o professor atue como um mediador capaz de integrar sua história pessoal à responsabilidade social de formar sujeitos críticos. Além disso, tal abordagem viabiliza a análise das posturas teórico-metodológicas que adotaremos ao longo do processo de “alfaletrar”, uma ação que requer, sobretudo, uma sensibilidade aguçada.

Palavras-chave: Autobiografia; Alfabetização e letramento; Formação Docente.

Referências bibliográficas

BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza. FRAGMENTOS AUTOBIOGRÁFICOS: Memória e Formação Contínua de Professores. **Revista Contexto & Educação**, [S. l.], v. 16, n. 63, p. 107–118, 2001. DOI: 10.21527/2179-1309.2001.63.107-118. Disponível em: <https://www.revistas.unijui.edu.br/index.php/contextoeducacao/article/view/1201>. Acesso em: 25 mar. 2026.

BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza. Pesquisa-formação e histórias de vida de professoras brasileiras e portuguesas: reflexões sobre tessituras teórico-metodológicas. **Revista @mbienteeducação**, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 37-48, ago./dez. 2009.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 45.ed. São Paulo: Cortez, 2003.

LUNA, Tatiana Simões e; BEZERRA, R. G. Concepções de linguagem: uma análise preliminar do discurso docente e das práticas em sala de aula. **Revista encontros de vista**, v. 1, p. 36-58, 2015.

MORAIS, Joelson de Sousa; BRITO, Antonia Edna; SOARES, Francisco Marcos Pereira (org.). **Escritas autobiográficas sobre ensino, pesquisa e formação de professores(as)**. 1. ed. Curitiba: [s.n.], 2024.

PASSEGGI, Maria da Conceição; NASCIMENTO, Gilcilene Lélia Souza & OLIVEIRA, Roberta Ceres Antunes Medeiros de. As narrativas autobiográficas como fonte e método de pesquisa qualitativa em Educação. **Revista Lusófona de Educação**, (33), 111-125, 2016.

SOARES, Magda Becker; BATISTA, Antônio Augusto Gomes. **Alfabetização e Letramento: Caderno do Professor**. Belo Horizonte: CEALE/FAE/UFMG, 2005. (Coleção Alfabetização e Letramento).

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

